

Foucault e Kant: considerações em torno da ética e do *Aufklärung*

Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes *

Resumo: Este ensaio tem por tema a perspectiva de uma ética relacionada à concepção de modernidade em Michel Foucault. Ele trata da leitura que Foucault faz do texto de Kant sobre o *Aufklärung*. Investiga o âmbito específico das condições de uma ontologia do indivíduo na qual busca mostrar a articulação entre o diagnóstico do presente e a reconstrução da tradição crítica em torno da idéia de autonomia. Procura demonstrar na concepção da “atitude de modernidade” a força histórica da herança do *Aufklärung* encontrada na perspectiva crítica de uma problematização ética da atualidade, a partir de uma concepção de autonomia, estabelecida na proposta de uma “estética da existência”.

Palavras-chave: Foucault, Kant, Modernidade

Abstract: This article has as subject the expected of an ethic connected the idea of modern in Michel Foucault. It broaches the reading that Foucault does of Kant’s text about the *Aufklärung*. It examines the specific range of conditions of an individual’s ontology, trying to show the articulation between the present’s diagnosis and the criticism tradition’s reconstruction around the autonomy’s idea. It looks for showing, in the conception of modern’s attitude the historic power of *Aufklärung*’s inheritance that is in the criticism expected of a ethic’s problematic of the present, from an autonomy’s concept, shaped in the proposal of an “existence’s aesthetics”.

Keywords: Foucault, Kant, Modern

A relação entre modernidade e ética aparece como um tema transversal nos últimos escritos de Michel Foucault, em torno daquilo que ele caracteriza como núcleo das suas pesquisas ou a investigação sobre “as formas e as modalidades de relação à si pelas quais o indivíduo se constitui e reconhece como sujeito” (Foucault, 1984, p. 12). O que remonta a reconstrução do problema da

* Professor adjunto do Departamento de Filosofia da UFRN. *E-mail:* basilio@ufrnet.br

atualidade na análise da experiência histórica ou da experimentação histórica que se estabelece em torno de uma “história da própria prática” (Foucault, 1994, p. 221) tomada sob um enfoque crítico.

Uma articulação entre modernidade e ética se coloca, então, no plano da experimentação histórica da atualidade, sob o prisma duplo de uma inter-relação. Primeiro, da historicidade do pensamento, ou seja, aquilo que deve ser pensado em torno da “questão da teleologia imanente ao processo mesmo da história” (Foucault, 1994, p. 679), remetido à compreensão do presente, sob a forma das perguntas pela atualidade e pelo significado do hoje que define o momento no qual nos encontramos e as suas condições de reflexão. E segundo, através da tradição crítica, ou seja, do compromisso da filosofia para com o mundo em que vivemos, pensado através da ótica do poder, isto é, de “uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos” e se lhe revela nos dois sentidos concernentes à palavra: “sujeito submisso ao outro pelo controle e dependência, e sujeito preso a sua própria identidade pela consciência ou conhecimento de si” (Foucault, 1994, p. 227).

Nesses termos, a relação entre modernidade e ética compreende uma inter-relação das dimensões que constituem em Foucault as condições de uma ontologia crítica do indivíduo. Por um lado, dimensionada a partir do quadro de diagnóstico da atualidade e a sua relação com o problema do sujeito. E, por outro lado, assinalada no âmbito da proposta de uma “estética da existência” (Foucault, 1994, p. 382), enquanto uma forma reflexiva de referência ao presente compreendida na atitude individual como uma reconstrução do pensamento crítico.

A herança da *Aufklärung* descreve a singularidade de uma força histórica que emerge na configuração do pensamento em Foucault, no contexto das condições e possibilidades da problematização ética da atualidade, tomados num duplo aspecto. Primeiro daquilo que o autor sublima como um tipo de questionamento enraizado na *Aufklärung*, ou seja, a problematização simultânea da referência ao presente, do modo de ser histórico e da constituição de si mesmo como autônomo. E, segundo, daquilo que

o mesmo destaca no campo da significação histórica do evento como “a reativação permanente de uma atitude” ou “um ethos filosófico que se poderia caracterizar como a crítica permanente de nosso ser histórico” (Foucault, 1994, p. 571).

Deste modo, a idéia de autonomia, configurada em torno de uma “estética da existência” (Foucault, 1994, p. 382) descreve no núcleo desse *ethos* o compromisso com a compreensão crítica do presente, ou seja, a sua referência ao “duplo constrangimento”, ou ainda, aos processos de individualização e totalização das estruturas do poder moderno que se põem hoje, simultaneamente, como um problema político, ético, social e filosófico diante do qual se coloca a tarefa de “promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que se nos foi imposto durante vários séculos” (Foucault, 1994, p. 232).

A herança histórica do *Aufklärung* aparece reconstruída no quadro da leitura foucaultiana como a força singular do acontecimento que delinea em diferentes épocas e contextos o plano histórico da atualidade. Traduz o retorno a problematização do sujeito, a partir da idéia de autonomia, enquanto um eixo da análise crítica, apontando para a dimensão da liberdade em torno da concepção de um sujeito histórico, ou ainda, do individuo concreto imerso na trama das relações de poder, caracterizadas no seu exercício por “um conjunto de ações sobre as ações possíveis”. De tal modo que, a concepção de um sujeito autônomo compreende, no âmbito da problematização ética, a possibilidade da liberdade entendida no contexto de uma proposta estética da existência, estruturada sobre o duplo aspecto da concepção do sujeito ou da sua constituição, através das “práticas de liberdade” que se configuram no âmbito das “práticas de assujeitamento”, a partir de “um certo número de regras, estilos e convenções que se encontram no meio cultural” (Foucault, 1994, p. 237).

Por fim, a reconstrução da idéia de autonomia por Foucault circunscreve o campo da ação individual na forma da atitude como um delineamento do quadro histórico, no âmbito das relações de poder. Ele caracteriza no núcleo da proposta de uma “estética da

existência”, o esforço de afirmação da liberdade do indivíduo, esta última constitutiva dos modos de experimentação histórica e da construção da sua própria forma de vida, equivalente a criação de uma obra de arte, através da qual o mesmo é capaz de reconhecer-se e ser reconhecido na sua maioridade: “*Audere saper*” (Kant, 1985, p. 497).

Was ist Aufklärung?

Esta pergunta denota a força histórica da sua atualidade no pensamento de Michel Foucault pela importância que ela adquire em dois diferentes artigos. O primeiro, “*Qu’est-ce que les Lumières?*” (Foucault, 1994, p. 679) extraído de um curso no *College de France*, em janeiro de 1983, destaca de forma emblemática a originalidade da pergunta, enquanto o segundo com o título “*What is Enlightenment?*” (Foucault, 1994, p. 562), publicado no *The Foucault Reader* em 1984, tematiza a condição crítica da questão kantiana que se coloca no plano da atitude remetida à instância de compreensão da contemporaneidade.

A força histórica do *Aufklärung* se apresenta nos planos concernentes ao significado da pergunta e a relação desta com a problematização contemporânea da ética. Assinala o caráter atual da experimentação histórica naquilo que lhe delimita. E traduz uma compreensão das múltiplas configurações do jogo das relações de poder, tomadas enquanto um conjunto de significação própria, o qual se encontra diretamente remetido à atualidade do acontecimento.

A pergunta constitui desse modo um núcleo de problematização que orienta o diagnóstico foucaultiano numa genealogia crítica da atualidade, a qual tomada sob o aspecto das condições históricas do entendimento da Modernidade é compreendida por este última a partir de “uma referência ‘sagital’ à sua própria atualidade” (Foucault, 1994, p. 681). A mesma pergunta leva em conta a sua atualidade, de um lado, para encontrar o seu lugar próprio e, de outro, para explicitar o seu caráter enquanto uma

questão que é capaz de ser compreendida no interior das condições históricas da sua própria atualidade.

Para Foucault o *Aufklärung*, compreendido a partir da perspectiva complementar dos planos da atualidade da consciência e da sua significação histórica, escapa a tradição da formulação kantiana que se coloca à modernidade, ou seja, a simples tematização de uma “idade crítica” ou ainda o seu significado em termos de uma “saída da minoridade” (Kant, 1985, p. 497). Ele destaca a característica de uma percepção que formula ela mesma a sua própria divisa, algo que lhe orienta a autocompreensão “tanto por relação à história geral do pensamento, quanto por relação ao presente” (Foucault, 1994, p. 682) nas diferentes formas de reconhecimento do quadro histórico. Assim, ele traduz a construção histórica como a percepção singular de um processo que se põe tanto em relação ao passado: “qual a diferença hoje que se introduz em relação à ontem?” (Foucault, 1994, p. 564); quanto se coloca em relação ao presente, como uma atitude que se estabelece num contraponto entre passado e futuro, “designando as operações que ele deve efetuar no interior do seu próprio presente” (Foucault, 1994, p. 681).

Uma dimensão transversal das configurações históricas aponta, no plano da atualidade da consciência, o significado da interrogação crítica kantiana na forma de uma pergunta sobre o próprio presente, ou ainda, sobre aquilo que presentemente na esfera do seu acontecimento trata-se de reconhecer, distinguir e decifrar como atual. Foucault assinala uma perspectiva atual de maioria, no plano da significação histórica, que se coloca sob a dupla forma de uma modificação das relações prévias entre vontade, autoridade e uso da razão; e de uma mudança que se reflete dentro do quadro histórico na existência política e social dos homens. Neste contexto, o autor destaca sob o prisma crítico, de um lado, o domínio privilegiado da análise do conjunto de acontecimentos sócio-culturais dos quais ainda hoje somos tributários nas esferas política, econômica e institucional; e de outro, o esforço da consciência histórica em estabelecer uma ligação entre o progresso da verdade e

a história da liberdade enquanto algo que define um certo modo de filosofar e se inscreve no nosso pensamento como uma questão filosófica presente desde o século XVIII.

A atualidade do significado da pergunta pelo *Aufklärung* reside na força histórica da dobra que se realiza na crítica do presente voltado sobre si mesmo. Isto é, uma articulação do duplo registro, de uma ruptura inaugural da modernidade como um acontecimento singular e da sua continuidade processual, ou seja, aquilo que permanece na configuração das relações de poder como formas de racionalidade, técnicas, conhecimento e saberes enquanto condições de uma autonomia possível.

À dimensão histórica coloca-se então o horizonte transversal da significação em Kant de uma saída da minoridade sob os aspectos da ruptura e da continuidade que desenham a atualidade da pergunta, ou seja, as condições de problematização do hoje naquilo que se lhe revela como o seu núcleo de compreensão. Assim, Foucault transversaliza na concepção de modernidade os elementos da significação do presente os quais se encontram articulados à perspectiva de determinação de um *ethos* como campo de problematização.

Com isto, ele traça as condições de uma ontologia do indivíduo, estabelecida no quadro de diagnose da atualidade, a partir do horizonte de compreensão do *ethos*. Este que se põe refletido na instância de problematização do indivíduo, na condição do sujeito moderno, colocado sob o duplo registro da pergunta pelo hoje, ou seja, a inter-relação do “campo atual das experiências possíveis” (Foucault, 1994, p. 687) com a tarefa da elaboração de si mesmo no seu próprio ser.

Assim, a experimentação da modernidade pelo indivíduo se remete à questão da sua autonomia ou o “modo de ação o qual é capaz de exercer-se no interior desta atualidade” (Foucault, 1994, p. 681). Abrindo-se ao campo da problematização ética do sujeito autônomo e se apresentando no quadro atual da configuração histórica das relações de poder, articuladas dentro de um entendimento crítico da atualidade.

O significado da pergunta

A crítica da atualidade constitui o eixo da leitura foucaultiana acerca do significado da pergunta pelo *Aufklärung*, ao mesmo tempo em que revela um entendimento da modernidade como uma posição crítica inscrita individualmente na atitude do homem moderno. Veja-se o exemplo de Baudelaire utilizado por Foucault (1994, p. 568) para salientar a atitude crítica em relação ao próprio tempo e a condição de autonomia do indivíduo moderno frente à tarefa de inventar a si próprio enquanto uma atitude problematizada no nível das condições de uma ontologia do presente, voltada para a questão do sujeito, enfocada a partir do aspecto da autonomia.

A pergunta pela atualidade traduz *per se* uma postura crítica em relação à experimentação do atual que se coloca de forma simultânea a estruturação de um diagnóstico do presente, relativo à análise da configuração histórica das relações de poder; e ao núcleo de problematização do sujeito moderno, referido à questão da autonomia do mesmo no quadro daquelas últimas. Tal postura crítica corresponde à perspectiva de um diagnóstico do presente, estabelecido a partir do caráter auto-reflexivo do significado do *Aufklärung*, no exame daquilo que se refere à atualidade de um conjunto de relações, as quais dão lugar a diferentes campos e formas de problematização como um horizonte de entrecruzamento das relações de poder em momentos distintos do quadro temporal.

O diagnóstico do presente emoldura o quadro das diferentes configurações históricas das relações de poder na esfera do entendimento das práticas, colocadas sob os registros da atualidade da experiência e da condição histórica da postura crítica no quadro de análise da configuração do sujeito moderno na dimensão das relações de poder. A relação entre as instâncias da subjetividade e do poder que se estabelece no núcleo da problematização do sujeito moderno estrutura, através da perspectiva de diagnose do presente, o plano da compreensão ética daquele sob o duplo aspecto: [1] da condição da liberdade, no campo da ação crítica do sujeito, dentro da conjuntura histórica das estratégias do mundo sócio-político ou

do jogo de relacionamento e afrontamento recíprocos entre sujeitos e poderes; e [2] dos modos de subjetivação, no âmbito da autoconstituição de uma forma de vida específica no mundo subjetivo, condição do exercício ético da liberdade do indivíduo dentre os diferentes modos de objetivação e transformação dos seres humanos em sujeitos.

A problematização ética emerge da relação entre subjetividade e poder como um núcleo de entendimento do quadro da atualidade, o qual assinala a condição necessária da compreensão de um *ethos*, entendido como uma tomada de atitude, que denota a dimensão histórica da modernidade. Tal atitude caracteriza-se pela estruturação da experiência histórica ou da sua própria experimentação, através da perspectiva de um modo de ser e de ação calculada do indivíduo frente ao seu tempo. O que lhe coloca num horizonte das escolhas estratégicas, suscitadas no âmbito da vida subjetiva, dentro do contexto de uma estrutura constitutiva e complexa, portanto, inultrapassável pelo sujeito.

O *ethos* corresponde à expressão da razão e da vontade, conjugadas na interface do indivíduo com o universal, imbricados na forma de agir, pensar e sentir que lhe constituem no seu modo de ser uma situação limite, isto é, o marco entre a limitação necessária e a liberação possível compreendidas no âmbito da transitoriedade do presente. Assim, a perspectiva do *ethos* articula-se à forma da atitude, enquanto a configuração da exigência de uma postura ética, suscitada pelo quadro prático da atualidade, ou seja, por um entrelaçamento intrincado que determina as condições de ação do sujeito tanto no que se refere às próprias circunstâncias como ao seu presente histórico.

A “atitude de modernidade” (Foucault, 1994, p. 568) compreende o processo e os diferentes modos de subjetivação, situados no plano da experimentação do indivíduo histórico, no âmbito do entrelaçamento institucional, ético e político que articula o diagnóstico do momento e o quadro que o envolve. Esta se revela como uma prática de liberdade, enquanto um permanente esforço de autonomia frente à multiplicidade de forças disseminadas e

exercidas pela rede social. O que traduz simultaneamente um corte histórico do significado temporal do quadro da problematização crítica kantiana.

Assim, a concepção foucaultiana da modernidade como uma atitude, abre-se a perspectiva da crítica da atualidade a partir dos parâmetros histórico-práticos da positividade do poder e da afirmação da autonomia que desenham a dimensão ética da questão do sujeito no corte temporal de diferentes épocas. De tal modo que, a dimensão ética corresponde então às condições de uma ontologia de si mesmo, relacionada à autonomia do sujeito na conjuntura histórica de um “governo por individuação” (Foucault, 1994, p. 227) e no horizonte de uma situação limite que se impõe ao indivíduo moderno na experimentação histórica-prática dos seus próprios limites.

Foucault descreve as condições deste tipo de ontologia, a partir do corte temporal de uma crítica do presente, que se estabelece no quadro histórico da pergunta pela atualidade, ou daquilo que, independente da periodização da modernidade, se caracteriza como uma atitude, situada no plano da historicidade, referida ao horizonte de experimentação do indivíduo enquanto “campo atual das experiências possíveis” (Foucault, 1994, p. 687). Com isto, ele destaca a dimensão significativa do acontecimento, colocada pela postura crítica, através do modo como a modernidade se faz espetáculo ou é acolhida em todos os seus aspectos por aqueles expectantes que se colocam em meio dela e deixa-se conduzir por ela.

A perspectiva crítica de uma ontologia corresponde à atitude do sujeito histórico ao tomar a si mesmo como objeto de elaboração de si, enquanto uma prática refletida da liberdade, dentro do seu próprio contexto. O que revela, no nível do indivíduo, a pergunta pela possibilidade da liberdade como uma condição ontológica da ética. Com isto, o quadro do diagnóstico da atualidade se coloca a perspectiva de análise e avaliação das relações entre poder e gestão técnico-racional de uma ética autônoma. Descrevendo na configuração da conjuntura histórica o processo simultâneo da

extensão das redes de poder e a criação de estratégias de contestação como formas interiores de liberação no mundo social.

Deste modo, a dimensão prática se apresenta como condição do exercício da liberdade no horizonte dos condicionamentos histórico-políticos de toda a liberação possível. Descrevendo no âmbito das regras e prescrições que cercam os “jogos de verdade” (Foucault, 1984, p. 13) os diferentes modos pelos quais o indivíduo enquanto sujeito se relaciona consigo e com as esferas de dominação e poder. Onde a atenção constante sobre si mesmo e sobre as pressões que o cercam, delimita a visão arguta da atualidade como prática encarnada, a qual traduz uma ética no quadro da demanda das racionalidades e estratégias em jogo, assumidas pela multiplicidade das relações.

Foucault assinala no quadro do diagnóstico da atualidade a conjuntura que configura o “governo por individuação” (Foucault, 1994, p. 227) ou a formação constante do indivíduo no campo da objetivação e gerenciamento das ações nos ritmos possíveis da vida: trabalho, casa e lazer. O que se lhe dá na forma dinâmica dos mecanismos de antecipação, modelagem e criação de expectativas e desejos, concomitantemente com um processo de cristalização na sociedade moderna de uma esfera político-administrativa de decisões acerca da vida e da morte das populações, articulada em torno de uma “biopolítica da população”, previamente estruturada sobre uma “anátomo-política do corpo” (Foucault, 1976, p. 131-132).

Contrapartida a tal diagnóstico, encontra-se a positividade do poder no plano da produção dos efeitos. A emergência de formas interiores de contestação e resistência aos mecanismos do exercício do poder, enquanto formações que visam à esfera de autonomia dos indivíduos, revelada em diferentes modos de subjetivação, dentro do contexto da totalidade da vida social. Isto é, meios alternativos aos “dispositivos” (Foucault, 1975, p. 256-257) de sujeição e a ação do biopoder operada pela sociedade que, no âmbito da problematização ética, constituem uma modalidade específica de enfrentamento contra “tudo o que liga o indivíduo a si mesmo e assegura, deste

modo, sua submissão aos outros” (Foucault, 1976, p. 182-183), ou seja, “lutas contra assujeitamento, contra as diversas formas de subjetividade e de submissão” (Foucault, 1994, p. 227).

Assim, Foucault mostra através do diagnóstico da atualidade a interface da individuação do poder e a situação limite do indivíduo, a partir do pressuposto de um sujeito ou indivíduo histórico, consciente do presente e do passado que o determinam no plano da atitude fronteira, daquilo que está dentro e fora no âmbito da sua inserção na vida social. Ele associa a capacidade de diagnose do presente ao levantamento de tarefas a serem realizadas no campo da experiência ética, ou seja, a partir de um trabalho de reflexão sobre os próprios limites, assinala-lhe uma experimentação constante e metódica do sujeito consigo mesmo, ressaltando a dinâmica histórica de definição e redefinição permanente do estilo de vida, enquanto um modo possível de utilização da liberdade, considerado nos seus aspectos de contingência e arbitrariedade.

A problematização do sujeito circunscreve na crítica do presente a relação entre autonomia e autoridade no campo da subjetivação ética ou de uma interpolação do “governo por individuação” (Foucault, 1994, p. 227) com uma autonomia subjetivada, situada no plano de experimentação e criação da própria subjetividade, enquanto elaboração de um modo de vida singular. O que implica na promoção de novas formas de subjetividade no âmbito da “governamentalidade” (Foucault, 1994, p. 214) ou de um conjunto de práticas estruturadoras dos indivíduos que os mesmos podem ter frente uns aos outros como forma de recusa da individualidade imposta.

Foucault destaca o caráter do trabalho crítico no “labor paciente que dá forma à impaciência da liberdade” (Foucault, 1994, p. 578), na figura de um *ethos* inessencial, que se constitui numa situação limite, entre as dimensões interna e externa da experimentação do indivíduo no campo das suas ações e escolhas, situadas no plano ético da responsabilidade e da consciência. Do mesmo modo, ele descreve a autoconstituição ou invenção do sujeito por ele mesmo, através de um jogo constante de

despersonalização e reinvenção do estilo de vida e do modo de ser como a criação de uma forma singular de vida, estruturada a partir de uma reflexão crítica sobre a conjuntura, experimentada no nível das condutas práticas, possíveis de descrição enquanto um modo possível no contexto histórico e social.

A questão da autonomia aparece esboçada em torno da “atitude de modernidade” a partir da relação da crítica com o presente, dentro do quadro de percepção da transitoriedade e da ruptura que descreve a tarefa ética no recorte histórico da escolha voluntária. Com isto, ela revela a possibilidade do exercício individual de uma racionalidade que tem por alvo a reflexão de si; e se dobra sobre o si, submetida às práticas concretas; na forma de uma “ontologia crítica de nós mesmos” (Foucault, 1994, p. 575). O que coloca no plano do sujeito objetivado de uma dupla recusa, tanto em ser o que se é, quanto aceitar a norma tal como ela se apresenta na facticidade de um modo de ser. Assim, a “atitude de modernidade” (Foucault, 1994, p. 568) traduz um incitamento do indivíduo à tarefa de superação dos seus próprios limites, através da assunção de uma atitude ou *ethos* que o conduz à ultrapassagem imanente aos controles e as técnicas do poder por uma posição estratégica e limitada da subjetividade menos permeável às manipulações dos sistemas político e econômico.

A vida ética corresponde, então, à atitude do indivíduo diante do movimento e ritmo intenso da sociedade estruturada na dimensão do pensamento e da ação possíveis em determinados segmentos do universo social. Ela se constitui como forma subjetiva do exercício ético da liberdade, situada no contexto das pressões sócio-históricas, numa multiplicidade de formas e fins, que pode assumir enquanto condição da possibilidade de criação de modos de vida individuais, ou seja, de diferentes tipos nas formas diversas de realização subjetiva e pessoal.

Assim, a “atitude de modernidade” transcreve as bases de uma “estética da existência” que se encontra no quadro de problematização da atualidade, sob o aspecto da sensibilidade crítica desenvolvida frente aos acontecimentos históricos ou da percepção

do sujeito em relação a si e ao mundo que o cerca. Ela descreve o diagnóstico dinâmico dos fatos e tendências do momento, articulada na dimensão da experimentação estética, onde “a formulação e o desenvolvimento de uma prática de si tem por objetivo o de se constituir a si próprio como artífice da beleza de sua própria vida” (Foucault, 1994, p. 568, 382, 671), sendo esta o ápice da operação ética na obra do sujeito.

A herança do *Aufklärung*

Por fim, cabe à herança do *Aufklärung* a força histórica do diagnóstico crítico da autonomia do sujeito que configura, no pensamento de Foucault, o plano da problematização ética da modernidade. De modo que, seu significado não corresponde à apropriação ou resíduo do espólio da tradição iluminista, mas, ao contrário, a força que lhe abre o horizonte atual do *Aufklärung*, através da reconstrução dos seus próprios elementos, descrevendo uma historicidade concebida no sentido singular do acontecimento ou daquilo que o define em diferentes contextos no âmbito das práticas.

A herança traduz essa força da atualização histórica que opera o quadro das práticas refletidas na relação entre poder e subjetividade, numa dinâmica de produção de resistência pelos indivíduos, que constitui o horizonte possível de uma “ontologia crítica de nós mesmos” (Foucault, 1994, p. 575) como a perspectiva de um *ethos* individual autônomo, frente ao contexto sócio-histórico. Assim, a crítica como herança constitui um artefato que, através da “atitude de modernidade” (Foucault, 1994, p. 568), associa a construção do *ethos* à produção do belo como princípio ético da “vida” como “obra de arte” (Foucault, 1994, p. 617), aproximando a autonomia da arte em relação a sua época com a criação autônoma do indivíduo na constituição histórica do sujeito em meio ao jogo de forças.

Foucault reconstrói da tradição do *Aufklärung* os elementos da crítica e da conquista da maioria no quadro referencial da autonomia e das “técnicas de si” (Foucault, 1994, p. 813) que

conduzem às condições de diagnose e a dimensão estratégica de ação. Evidencia, a partir do significado da atualidade, o deslocamento do eixo da crítica, do horizonte de julgamento de um juízo de época para um juízo individual, a partir da capacidade de diagnóstico e ação implícita na conduta estabelecida no plano da “ontologia crítica de nós mesmos” (Foucault, 1994, p. 575).

Com isto, revela-se sob o aspecto do “governo de si” (Foucault, 1994, p. 216) o redimensionamento do sujeito e das condições de saída da minoridade, através da passagem de um sujeito universal para um indivíduo histórico, imerso nas relações de poder. Considerando-se, simultaneamente, de um lado o aspecto da avaliação racional, sob a ótica da construção de estratégias de conhecimento si, no âmbito do pensar a si mesmo; e, de outro, a dimensão da dobra entre o público e o privado na instância estético-ética da existência.

A crítica e a maioridade, como elementos centrais do *Aufklärung*, constituem os parâmetros de problematização da atualidade, no nível da autoconstituição do sujeito autônomo como indivíduo histórico. Ao passo que a “atitude de modernidade” (Foucault, 1994, p. 568) corresponde as condições da multiplicidade ética tanto no aspecto da criação da subjetividade como obra do sujeito, ligada às relações de poder; quanto no *telos* singular do indivíduo, relacionado ao modo de subjetivação e a capacidade de produção da sua própria vida no campo estratégico da ação ou da construção de um modo de vida belo sob o princípio de equivalência entre vida e obra de arte.

Assim, a idéia de autonomia esboça a condição e possibilidade de um significado ético para a “estética da existência” (Foucault, 1994, p. 382), a partir da dimensão constitutiva do sujeito e da livre criação de um modo de vida, na instância do exercício crítico da razão, como o trabalho constante do indivíduo na construção ética, da reflexão de si sobre si. Condição necessária ao exercício da liberdade, a teleologia se coloca à alternativa da arte na multiplicidade individual da ética na esfera da compreensão do belo no seu caráter estritamente singular. O que aproxima Foucault de

Kant, no entendimento ampliado da atitude autônoma do indivíduo e do seu estatuto na criação da sua própria vida, conforme se segue nesta citação:

Encontra-se sempre, mesmo dentre tutores privilegiados da massa, alguns homens que pensam por eles mesmos e que, depois de ter pessoalmente se livrado da sua minoridade, encontrarão em torno deles um estado de espírito onde o valor de cada homem e sua vocação de pensar por si mesmo serão estimados racionalmente (Kant, 1985, p. 498).

Em síntese, é a partir da relação entre o caráter singular da criação do sujeito e a força histórica da atualidade que se constitui, no pensamento foucaultiano, o núcleo da problematização da ética na modernidade, no nível do indivíduo. O que se coloca na instância de uma dobra do horizonte histórico sobre sua própria atualidade, a qual determina a compreensão da herança do Aufklärung nos motes da apropriação de Kant por Foucault através da perspectiva crítica de uma ontologia do presente. Assinala o autor: “Não são os resquícios do Aufklärung que se trata de conservar; é a questão mesma deste acontecimento e do seu sentido (a questão da historicidade do pensamento universal) que se deve manter presente e guardar no espírito como o que deve ser pensado” (Foucault, 1994, p. 687).

Referências bibliográficas

- FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. v. 4. Paris: Éditions Gallimard, 1994.
- FOUCAULT, M. *Surveiller et punir*. Naissance de la prison. Paris: Éditions Gallimard, 1975.
- FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité 2. L'usage des plaisirs*. Paris: Éditions Gallimard, 1984.
- FOUCAULT, M. *Histoire de la sexualité 1. La Volonté de Savoir*. Paris: Éditions Gallimard, 1976.
- KANT, I. Réponse à la question: qu'est-ce que les lumières?, trad. Heinz Wismann. In: KANT, I. *Critique de la faculté de juger*.

Edition publié sous la direction de Ferdinand Alquié. Paris:
Éditions Gallimard, 1985.